SALTA!

ORGÃO MENSAL DO PARAQUEDISTA

ANO II — Maio-Agosto de 1958 — N.os 21-24

Redacção e Administração
BATALHÃO DE CAÇADORES PARAQUEDISTAS

Visado pelo Ex.mo COMANDANTE

EDITORIAL

CARTA ABERTA

A' JUVENTUDE PORTUGUESA

Eu não posso considerar-me velho-passe a imodéstia. Falarei portanto, quase de igual para igual, sinceramente.

É a carreira militar tradicionalmente tida por não dar lucros, mas isto, na verdade, não passa dum lugar comum. Não dá, é certo, dinheiro. Não deixa para nós militares de ser constante a necessidade de receber um pouco mais-não digo já para as necessidades diárias da existencia, mas para uns passeios, umas «noitadas», um carro. Vá lá, eu próprio me surpreendi um dia invejando um antigo companheiro de liceu, hoje rico, bem gordo, gozando uma vida confortável e sem preocupações. É certo que tem esse companheiro uma profissão bem rendosa mas ganhou todo o seu dinheiro, viveu toda a sua vida dentro duma sala e eu, pensando bem, não pude deixar de o comparar a um coelho: cresceu, engordou e calmamente morrerá quando chegar a sua vez. E a vida dum pára-quedista militar? Dinheiro, nenhum, por certo. Mas vive-se. E depois, que riqueza se pode comparar com o correr mundo, viajar, conhecer gente, ver e falar com tipos e raças de credos e ideias diferentes, fazer amizades por aqui e por ali. Por mim, conheci os Açores durante a guerra, passei por Angola, estive quase 6 anos em Moçambique, saltei com pára-quedas em França e Espanha, prestei serviço na Argélia, visitei Londres, Roma, a Africa do Sul, a Alemanha e Marrocos, conheci brancos, negros, amarelos. Isto vale, acreditem, é uma fortuna! Mais ainda: eu saltei em pára-quedas e não concebo maior riqueza do que esta O homem que consegue dominar-se a si próprio a ponto de se lançar no espaço saltando de um avião em voo, que tanto confia no dobrador anónimo que lhe preparou o pára-quedas, como na infalibilidade da acção que por sua vontade lhe há-de salvar a vida no momento próprio, exacto, preciso,—esse homem obteve a maior sensação de grandeza a que hoje se pode aspirar: sòzinho no ar, totalmente livre. nada nem ninguém o pode oprimir, a sua vida só de si depende e dela pode dispor se deixar de fazer o gesto de abrir o pára-quedas.

Mas o paraquedista ama a vida, não é louco, ele tem a certeza que vai abrir o pára-quedas E, então ao encontrar se em terra, vivo mais uma vez, ele sente-se feliz, sente em toda a sua plenitude a alegria de viver, porque ele, só ele, pode dar o verdadeiro valor a este dom precioso que é a vida.

Falei demasiado de mim, e lamento-o, embora tarde demais. Eu queria era falar para vós, sem destruir as vossas ilusões, perturbar a vossa descuidosa mocidade mas não sei se o conseguirei, porque não se pode ocultar-vos que a vida não é sempre tão calma e doce como por certo vos corre agora A vida tem que ser vivida activamente, é áspera, é uma luta sem fim. E o pára-quedismo, tal como a vida, impõe-nos uma luta permanente, contra o comodismo, os nossos instintos, o nosso egoísmo, impõe-nos um salto quando preferiamos dar um passeio, uma lição de ginástica quando gostaria-mos de ficar na cama, impõe-nos uma vida regrada, um trabalho constante, duro, implacável. O pára-quedimo é uma verdadeira Escola da vida.

Vinde ao B.C.P., sereis bem vindos! Aqui conhecereis pára-quedistas, as torres de salto, os pára-quedas, os aviões Aqui o pára-quedismo vos lançará o seu eterno desafio; como bons desportistas aceitai; conhecereis a luta e a alegria de vencer!

Tancos, 28 de Agosto de 1958.

Major Armindo Martins Videira

ESCOLA DE RECRUTAS—1958

Teve início em 14 de Abril uma Escola de Recrutas, efectuada no nosso Batalhão, a título experimental e excepcional.

Os 76 Recrutas, préviamente considerados com possibilidades de aptidão para servir nas Tropas Paraquedistas, revelaram, de uma maneira geral, interesse, qualidades físicas e intelectuais que permitiram um bom rendimento da instrução

Assim, em 25 de Abril «quase pareciam soldados prontos»—no dizer de alguém que os viu na cerimónia da Apresentação da Bandeira.

O ritmo de trabalho não sofreu quebras e as dificuldades materiais e outras inerentes ao facto de ser a primeira Escola de Recrutas no Batalhão, foram vencidas de tal modo que o nível atingido pelos instruendos foi considerado amplamente satisfatório.

Em 29 de Junho, a apresentação na Festa de Consagração dos Campeões Desportivos da Força Aérea, mereceu elogios.

Em 15 de Julho, na região de Castelo de Bode, iniciaram-se os exercícios finais que foram realmente proveitosos.

Finalmente, em 3 de Agosto terminaram a sua instrução, com aproveitamento, todos aqueles 76 novos soldados que se haviam consagrado ao serviço da Pátria, ratificando o seu Juramento de Bandeira em 24 de Julho.

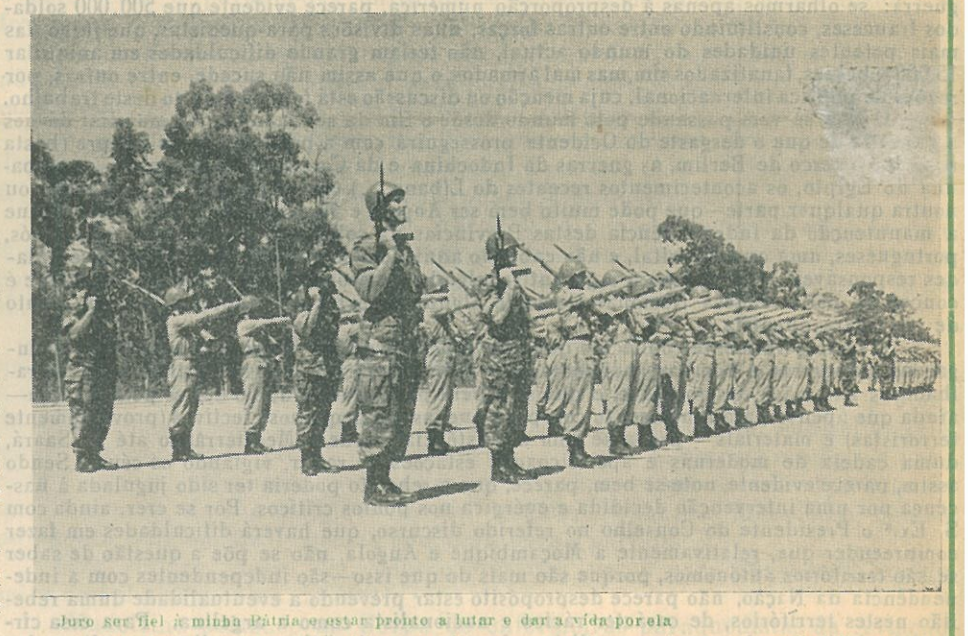
Cada um guardará a recordação de inúmeros episódios da sua vida de recruta. Especialmente aqueles que obtiverem o seu título de paraquedista, não esquecerão as palavras que lhes foram dirigidas logo no primeiro dia:

«... A Pátria espera que lhe sejais dedicados. A vossa Honra de Soldado exigirá que não deixeis de merecer a confiança que em vós será depositada.

Cada soldado paraquedista terá de contar-se entre os melhores da Pátria.

Todos vós dissesteis querer ser soldados paraquedista. Tereis de demonstrar que realmente quereis ser SOLDADOS PARAQUEDISTAS».

Que o sejais.



Juro ser fiel à minha Pátria e estar pronto a lutar e dar a vida por ela
Juro defender a Bandeira até à última gota de sangue, respeitar as leis, observar a disciplina militar, obedecer cegamente aos meus chefes e honrar as tradições gloriosas do Exército Português.

FESTIVAL AÉREO EM BRAGA

Integrado no programa das Festas Sanjoaninas, realizou-se em 23 de Junho um festival em que tomaram parte representações de vários Aero clubes e uma formação do nosso Batalhão.

Os bracarenses receberam-nos com uma gentileza franca e sem limites, concretizando a mensagem do seu Aéro Clube:

Benvindo sejais, distintos Cavaleiros do Ar
A este Mui nobre Bracara Augusta
E que eternamente perdure nos vossos corações
O carinho com que fostes recebidos

DEUS VOS GUIE

De que foi a sessão de Saltos, preferimos pedir licença a O» Primeiro de Janeiro» para transcrever um excerto da sua «Crónica de Braga» publicada em 29-6-58.

«Sua Ex.ª o Brigadeiro Director do Serviço de Recrutamento e Instrução manda comunicar o seu muito agrado, pela forma como o pessoal sob os seus comandos, se comportou na demonstração realizada em Braga.

Os paraquedistas, pelo aprumo, disciplina e entusiasmo com que realizaram a sessão de saltos, impressionaram muito favoràvelmente os milhares de assistentes. As tripulações dos aviões, pelos cuidados postos na cooperação que prestaram, muito contribuiram para o êxito alcançado.

Ambos, foram óptimos propagandistas da causa do ar e deram o melhor do seu esforço para o bom nome da F.A.P..

Um lançamento de paraquedistas em Palmeira

«Quantas pessoas ali se encontravam? Dez, vinte, trinta mil? Na grande cercadura do campo, emoldurado por uma densa mole humana, era difícil estabelecer um número mais ou menos exacto, mas durante algumas horas uma impetuosa torrente foi convergindo para Palmeira. A tarde ia caíndo, quente e baça, sob um céu serenamente azul. A largada dos paraquedistas do Exército havia sido anunciada como um espectáculo de um emocionante ineditismo e a multidão deixara-se convencer. Vira-os na tela do cinema, nas páginas dos jornais, nas fotografias das revistas dedicadas aos problemas da aviação cada vez mais complexos e absorventes, passando nas ruas com as suas boinas verdes, as suas botas de cano alto, os seus uniformes elegantes, o seu aprumo marcial, a sua juventude confiante, ainda que exposta a mil perigos—e agora queria assistir ao quadro real da sua descida ante os seus olhos e ao ritmo dos seus corações ofegantes e ansiosos.

Rolando na pista encrespada de ervagem, os quatro «Jun-

Continua na página 4

TROPAS PÁRA-QUEDISTAS NO ULTRAMAR

Em 26 de Novembro de 1955 foi publicado o Dec. n.º 40.394 que criava, a partir de 1 de Janeiro do ano seguinte, o Batalhão de Caçadores Paraquedistas, dando corpo às aspirações de todos os militares portugueses que por França e Espanha tinham sido iniciados nas duras lides do paraquedismo. Dos nossos tímidos primeiros passos pouco mais resta hoje do que uma ténue recordação: os poucos pára-quedas que havia (chegamos a ter só 28...) eram dobrados no refeitório, a zona de saltos do Arripiado estava alagada quase em permanencia, não havia campos de desporto, no Quartel de Tancos faltavam quase todas as pequenas coisas que dão à vida um pouco de conforto. Chuva, lama e ervas daninhas foram os companheiros inseparáveis dos nossos primeiros tempos... Mas enfim, por meados de Fevereiro de 1956 conseguimos realizar um salto, na Quinta dos Álamos, Golegã, e pouco depois, em 23 de Maio, na inauguração do Quartel, em dificílimas condições e muito próximo dos limites de segurança, pudemos demonstrar que esse punhado de primeiros voluntários possuia fibra, tinha coração! Os elogios que então recebemos—não somos tão modestos que os não apreciemos — muito nos encorajaram e encheram de orgulho. E de então para cá a nossa vida tem sido trabalhosa, dura, agreste, mas com boas prespectivas; alargaram-se os Quadros, está em aquisição modernissimo material, os voluntários afluem, temos merecido a confiança dos nossos Chefes, o Batalhão, coeso e disciplinado, será em breve uma Unidade excepcionalmente potente. Temos trabalhado, há que o reconhecer. Mais trabalharemos ainda, com afinco, sem desfalecimentos, lutaremos sempre contra a rotina, o comodismo, a passividade. Seremos talvez intransigentes, duros, mas leais. De nós, os primeiros pára-quedistas, nunca se dirá que não lutamos até ao limite das nossas forças para o engrandecimento do Batalhão, para maior prestígio e glória das Forças Armadas de Portugal!

* * *

No discurso proferido por acasião da abertura do 2.º Congresso da União Nacional, em 30 de Maio de 1956, disse S. Ex.ª o Presidente do Conselho, analizando a situação mundial, que «...a restante Africa começa a agitar-se e a arder ao fogo de movimentos que, não podendo ser nacionalistas e muito dificilmente ideológicos, se apresentarão como rácicos, numa larga acepção do termo, apresentando-se, como na Asia, a negar ao branco todo o esforço civilizador e os direitos dele decorrentes». Pretender que estas palavras não mantêm a mais flagrante actualidade será talvez muito grato ao nosso comodismo, mas é sem duvida desonesto: na realidade como portugueses, não podemos deixar de estar atentos, ao que, cedo ou tarde, se virá produzir em Angola e Moçambique, certos que «o vento da revolta que sopra em várias regiões de Africa, atiçado por potencias conhecidas em obediencia a conhecidos interesses e ambições» não deixará de produzir os seus frutos. E se é certo que a gigantesca obra realizada pela França e muito em especial pelas Forças Armadas na Argélia, nos dá fundadas esperanças de que não será quebrado o último elo de ligação da Europa com o Continente negro, em toda a extensão do Norte de A'frica, não é menos verdade que aquele país se encontra aí na presença duma guerra cruel, desencadeada sim pelos nativos em nome da sua liberdade e independência, mas atiçada na realidade por outros, a soldo de outros interesses, diziamos, numa guerra que se continuará por forma insidiosa, tenaz, implacável pelo menos enquanto se mantiver rendosa para os principais interessados. E se pensarmos que quinze mil «fellaghas» conseguem manter em pé de guerra meio milhão de Franceses, bem podemos analisar deste rendimento... Cabe aqui—prestando homenagem às Forças Armadas Francesas, que na Argélia suportam completamente sós, e muitas vezes até sem a compreensão e o apoio moral que lhes são devidos, todo o peso duma luta que é tanto da França como nossa, como de todo o Ocidente — chamar a atenção, porque o facto a nós interessa em particular, para o tipo especial desta guerra: se olharmos apenas à desproporção numérica, parece evidente que 500.000 soldados franceses, constituindo entre outras forças, duas divisões pára-quedistas, que julgo das mais potentes unidades do mundo actual, não teriam grande dificuldades em aniquilar 15.000 rebeldes, fanatizados sim, mas mal armados, o que assim não sucede, entre outras, por razões de política internacional, cuja menção ou discussão está fora do âmbito deste trabalho.

O que se vem passando pelo mundo desde o fim da segunda guerra mundial dá-nos a garantia de que o desgaste do Ocidente prosseguirá com a persistência de sempre (basta recordar o cerco de Berlim, as guerras da Indochina e da Coreia, os «maus-maus» a campanha do Egipto, os acontecimentos recentes do Líbano...) com outra guerra, na Argélia ou noutra qualquer parte—que pode muito bem ser Angola e Moçambique. Certo como é que a manutenção da independência destas Províncias na soberania de Portugal é para nós, portugueses, uma questão vital, e não cabendo aqui nem se querer referir o que as entidades responsáveis têm feito para a garantir, julgo bem aproveitar a oportunidade que me é concedida pela «Defesa Nacional» tocando alguns aspectos do problema, sob um ponto de vista pára-quedista.

É facto geralmente conhecido que a revolução argelina começou com algumas espingardas caçadeiras e bombas rudimentares de fabrico caseiro; hoje não faltam boas metralhadoras nas mãos dos rebeldes, e que se espera para breve o apoio destes pela aviação—ainda que apenas para lançamento com pára-quedas, de pequenos efectivos (provávelmente terroristas) e materiais — prova-se com a existência, desde o Mediterrâneo até ao Saará, duma cadeia de modernas e aperfeiçoadas estações de radar, vigiando os céus. Sendo assim, parece evidente, note-se bem, parece, que a rebelião poderia ter sido jugulada à nascença por uma intervenção decidida e enérgica nos pontos críticos. Por se crer, ainda com S. Ex.ª o Presidente do Conselho no referido discurso, que haverá dificuldades em fazer compreender que, relativamente a Moçambique e Angola, não se põe a questão de saber se são territórios autónomos, porque são mais do que isso—são independentes com a independência da Nação, não parece despropósito estar prevendo a eventualidade duma rebelião nestes territórios, de carácter rácico e nacionalista como a argelina. Para essa circunstância tem as tropas paraquedistas algumas características que lhes permitem dar elevado rendimento, nomeadamente agressividade e potencia, que se pode traduzir pela capacidade de intervir rápidamente e com violência no local desejado, visto serem poderosamente armadas e agirem com total independencia das vias de comunicação sempre insuficientes em África. Em caso de operações mais prolongadas, mantêm ainda elevadas possibilidades, em especial pelo seu apurado treinamento e facilidade de serem reabastecidas pelo ar, quer combatam isoladas, quer em reforço ou apoio de outras unidades empenhadas, quer ainda simplesmente reabastecendo, com quase total independencia das distancias e das vias de comunicação, estas unidades. Finalmente na hipótese de terrorismo nos centros populacionais à semelhança dos «maquis» do «casbah» de Alger, o armamento apropriado de que são dotados, aliado a uma sólida preparação moral, são seguro penhor, uma vez mais, de elevado rendimento.

Julga-se no entanto que de toda a acção a esperar dos pára-quedistas do Ultramar, as operações militares representam o aspecto último do problema, digamos o curativo, e na verdade interessa-nos em África mais prevenir do que remediar. É certo que a nossa política neste Continente tem sido desde sempre, de prevenir, e que assim é prova-o o facto de nunca a independência das nossas Províncias ter sèriamente perigado e mesmo nos momentos em que perigou não foi nunca por iniciativa dos nativos. No prosseguimento desta tradicional política que, mais do que a força das armas nos pode continuar a garantir a permanência em África, há que esperar das unidades paraquedistas um importante papel: detentoras duma força considerável, fácilmente exagerada até pelo ânimo impressionável dos indígenas (que seguramente considerarão o pára-quedas um «chicuembo», feitiço, muito forte), constituidas por pessoal altamente seleccionado, a elas será dada conveniente educação, facultando-lhes por todos os meios, filmes, livros, palestras, exposições, num amplo conhecimento do Ultramar português, a sua história e a sua grandeza, os seus povos, suas qualidades e defeitos, facilitando-lhes contacto com gentes brancas e de cor, na certeza que o mais estreito conhecimento trará consigo mútua amizade e respeito.

Com uma selecção mais e mais apertada, especialmente sob o ponto de vista moral, com soldados dignamente remunerados, aprumados e garbosos nos seus distintos uniformes, com a facilidade de colocação no Ultramar aos que terminam o seu serviço, facultando-lhes emprego ou terras, muito se contribuirá para uma ocupação que, sem dúvida mais lenta mas também mais segura que as operações militares, será garantia de continuidade.

Finalmente, a introdução no Ultramar português pelas tropas pára-quedistas,, do pára-quedismo desportivo, actividade apaixonante à altura das preferências da mocidade Ultramarina, muitas vezes irreverente—não fosse mocidade...—mas fundamente nacionalista, activa e com acentuado gosto pelas coisas do ar, muito contribuirá, mais uma vez se diz, para um mútuo apreço, respeito e estima e assim dar decisiva contribuição para a manutenção da independência de Portugal em África, que nós e só nós, os portugueses, temos que garantir, sem mais dar lugar a que os conhecidos e ardentes paladinos das liberdades alheias apregoem e prometam, sabe-se bem com que interesse, uma independência que nada mais pode ser do que uma mudança de soberania.

Major Armindo Martins Videira

100.000 SALTOS NO BRASIL

O Núcleo da Divisão Aeroterrestre comemorou em 13 de Junho a realização do seu salto n.º 100.000. Naquele dia, realizou-se um festival com o seguinte programa:

— Passagem da formação de 6 aviões C-82.

— Isolado, o Comandante do Núcleo, Coronel Santa Rosa, efectuou o salto n.º 100.000.

— Apresentação do Comandante do Núcleo a Sua Ex.ª o Presidente da República, Dr. Juscelino Kubitscheck de Oliveira.

— Exposição de dados estatísticos da Unidade.

— Demonstração, pela Companhia de Suprimento e Manutenção de Paraquedas, da abertura lenta de um paraquedas.

— Apresentação de soldados paraquedistas com os seus equipamentos completos de combate.

— Passagem da formação de aviões. Lançamento de homens, fardos e cães, utilizando todos os tipos de paraquedas em uso no Exército Brasileiro.

— Lançamento de 2 canhões de 7,5 cm numa só plataforma, utilizando 2 paraquedas G-12.

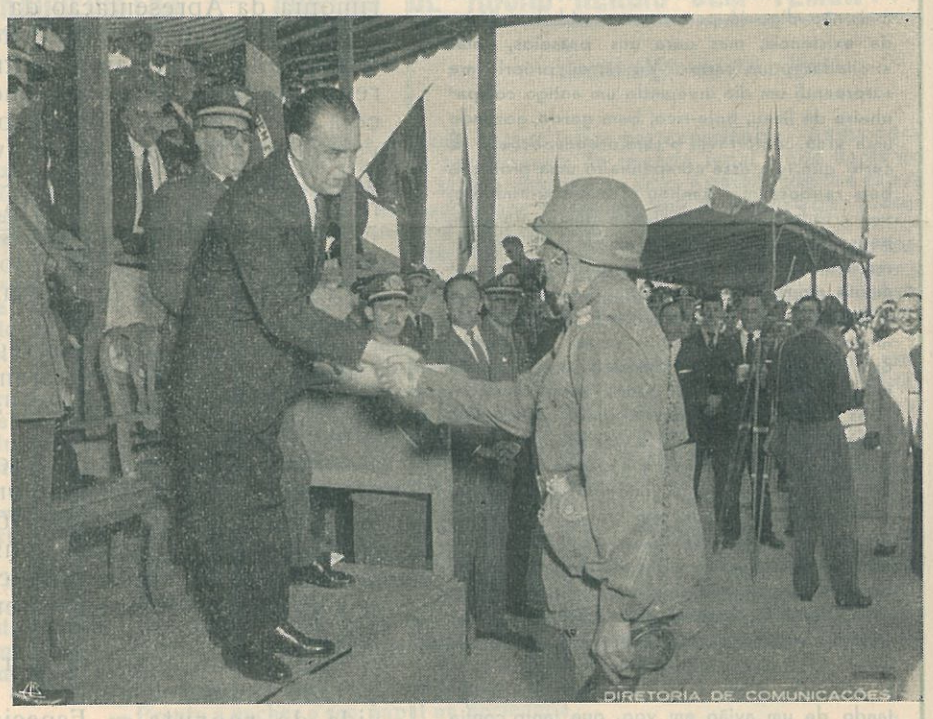
— Saltos de abertura manual, com retardo, por oficiais e praças do Núcleo.

— Passagem da formação de aviões com lançamento simultâneo de 200 paraquedistas.

△ △ △

Parabéns, Camaradas Brasileiros!

E que os próximos 100.000 tenham o mesmo, senão maior êxito, para um Núcleo ainda mais brilhante!



Quero Ser Paraquedista!!!

O jornal de parede da Ala da Sertã da M. P. inseriu o artigo que abaixo transcrevemos. Não precisamos chamar a atenção para o entusiasmo transbordante do seu autor, Porfírio A. M. da Costa Paiva, aluno de *14 anos*, do Instituto Vaz Serra de Cernache do Bonjardim. Muito de apreciar as suas palavras e oxalá o seu entusiasmo possa realizar-se.

«Todos vós, Camaradas, tendes lido, e com certeza entusiasmados como eu, tudo o que pouco se têm escrito sobre Paraquedismo.

Desde a actuação enérgica e viril dos heróicos Franceses de Massu, na Argélia, até aos nobres intuitos da Paraquedista Portuguesa, D. Isabel de Melo, tudo me tem falado à alma, numa ansia de, com eles, amanhã poder dominar o Espaço, pelos meus meios, pela minha exclusiva determinação.

Mas, infelizmente, embora a belíssima «Carta à Juventude» do Major Comandante do Batalhão de Caçadores Paraquedistas, Armindo Martins Videira, seja um incentivo dos mais belos e persuasivos que temos lido, que podemos nós fazer?

Esperar pela idade, no alistamento no B. C. P.?

Esperar que o Aero-Club da Costa Verde, crie a sua anunciada Escola de Paraquedismo, em Espinho?

Esperar que a nossa Organização olhe para os nossos desejos e nos faculte os meios necessários?

Entretanto, o tempo vai passando, o entusiasmo de alguns vai-se diluindo, e cá dentro, muito dentro de nós, só a saudade amarga dum desejo que se não realiza.

Facultem-nos, ao menos, uma visita ao B. C. P., mas uma visita longa, demorada, que nos faça viver um dia, a vida rude, mas alegre e bela dos homens da «Boina Verde».

SALTOS EM BRAGANÇA

Em 23 de Agosto realizou-se no Campo de Aviação Plácido de Abreu uma sessão de saltos que foi presenciada por muitos milhares de pessoas. Foram largadas três patrulhas e realizaram-se alguns saltos de abertura manual com retardos até 15 segundos.

Tudo decorreu com normalidade, por entre o entusiasmo da assistência que, na sua maioria, não havia visto saltos «ao vivo».

Foi descerrada uma placa comemorativa da inauguração do campo, há anos efectuada, e desta sessão de saltos.

Os paraquedistas regressaram no dia seguinte e tiveram assim oportunidade de gosar da sã hospitalidade transmontana. Os brigantinos cumularam-nos de atenções que tornaram ainda mais grata a recordação da nossa curta estadia na «Bragança em festa».

O Prestígio dos «Para»

Numa época em que todos têm medo eles troçam do medo

Christine Garnier, conhecida jornalista francesa, escreve em «Aux écoutes», de 22-8-958, as palavras que transcrevemos com apreço.

Encontram-se presentes, patentes em toda a parte e prontos sempre a actuarem nos momentos do perigo. Força, decisão, generosidade: o prestígio dos paraquedistas aumenta de dia para dia. São eles os actuais cavaleiros, porque em França nunca deixou de haver cavaleiros... Esse prestígio singular devem-no, sobretudo, à coragem que os anima e impele. Com efeito, numa época em que tudo vive dominado pelo medo, eles troçam do próprio medo.

Quantas vezes, em momentos difíceis, decisivos, não ouvimos nós, aqui e além, a homens de responsabilidade, frases como estas: Eu também deveria intervir, mas... tenho família a meu cargo, tenho filhos. Arriscar-me? E também possuo uma situação que prefiro não jogar. Afinal de contas, para quê? Porque não hei-de deixar-me estar sossegado e quietinho? É assim que mil laços invisíveis nos mantém de mãos atadas. Quantos terão coragem de se declarar independentes?

Independentes são os «PARA», porque resolveram sê-lo. Puzeram de lado sentimentos, preocupações diárias e comuns a toda a gente e entregaram-se ao seu dever. Por vezes, talvez pareçam brutais nas atitudes, demasiado intransigentes na maneira de pensar. E, em certos meios da Capital, consideram seguramente esses homens como simples heróis de folhetim. Mas neste mundo de hoje, de águas mornas, que caminha com passos hesitantes e em que só a prudência faz lei, são eles os únicos verdadeiros animadores e estimuladores em consciência e paixão.

São puros, hoje em dia coisa rara. Para os seus impulsos não existem nem travões nem meias medidas: atiram-se para a frente, embriagados pela própria independência de alma. Significam e encarnam a Acção. Mas acção também pode ser pensamento. Um desses rapazes, com certa ironia, interrogava-se em Atar: «O quê, você lê? Não tem medo de estragar a vista?» No entanto, descobri-lhe dentro da mochila—bem mal guarnecida por sinal — o «Método» de Descartes, a par de uma brochura sobre «Condições de Combate»... Que perspectivas admiráveis para uma mocidade que, depois dos exemplos de Saint-Germain-des Prés, se deixa assim possuir e empolgar pela verdade e o ideal!

Junto dos «PARA», sente-se a virilidade e não o simples automatismo. Os treinos quotidianos, os exercícios que os preparam para os saltos e para a luta gravam em cada um deles, intacta, a sua personalidade reforçada, robustecida.

Vi recentemente, em Dakar, desfilarem, com os mesmos barretes vermelhos, contigentes de jóvens africanos vindos da Costa do Marfim e do Sudão ou da Mauritania, já sem os seus clássicos véus azuis.

E perguntei então a mim própria se, no seio dessa África negra onde germinam instituições novas nesta hora decisiva, para os povos que vivem há tanto tempo sob as cores francesas, não haveria — com esses homens como motivo de meditação — uma singular lição a tirar e um proveitoso exemplo a seguir.

Impressões de Férias

Sempre foi desejo meu publicar um artigo no nosso jornal. Mas, como todos os principiantes, tenho uma dificuldade natural em me exprimir precisa e claramente. Deixo à boa vontade de todos a desculpa dos meus erros.

Em pequeno, quando ainda frequentava a escola primária, falavam-me das façanhas outrora praticadas pelos nossos antepassados, em lutas quase sucessivas e desiguais, proezas essas que ergueram bem alto o nome da nossa Raça. A muitas delas, deu a juventude o seu valioso contributo. (A Ala dos Namorados, na Batalha de Aljubarrota é um exemplo entre tantos que se podem descobrir na nossa história).

Então, todos os jovens se entregavam a uma causa toda recheada de virilidade, desprezando as suas conveniencias e interesses materiais. Comparação entre essas gerações e a mocidade actual quase se não pode fazer. Hoje, pode ver-se grande parte da juventude bocejando nos cafés ou entregue a uma vida degradante que fará deles vítimas inúteis.

Quem como nós está habituado já a uma vida sã, ao deparar com este triste quadro, sente-se orgulhoso de sí mesmo.

Quando encontro rapazes da minha idade com uma constituição física superior à minha, nas condições acima descritas, sinto-me satisfeito com a «ridicula» constituição atlética de que sou dotado. Eis como chego à seguinte conclusão:

Apesar de muitos deles serem capazes de fazer tudo o que nós, como paraquedistas, fazemos, somos muito superiores a esses jovens ociosos que passam o tempo pelos cafés, ruas e cais e que poderiam ser elementos úteis dentro da Sociedade se fossem dirigidos para o trabalho regenerador.

Outros jovens há que, seguindo um capricho falho de justificação válida, se lançam com veículos motorizados em velocidades suicidas pelas estradas. Estes, não sendo «inúteis por vício», deviam perguntar-se: Por que não satisfazer o gosto do perigo e da emoção servindo ao mesmo tempo um Ideal elevado?

Ser são, melhor e mais útil deve ser aspiracão de todo o homem.

Oxalá me ouçam alguns a quem é aplicável este desabafo motivado pelo que tenho visto no decorrer da minha licença.

Pompílio

23 DE MAIO — DIA DO B. C. P.

Mais uma vez foi comemorado o Dia da Unidade — 2.º aniversário da inauguração do quartel.

Com a presença de S. Ex.ª o Brigadeiro Director do Serviço de Recrutamento e Instrução da Força Aérea, Comandantes da E.P.E. e da B.A. 3 e outros convidados, o Batalhão formou na sua máxima força.

Em palavras sucintas e expressivas, o Sr. Ten. Tinoco de Faria disse do significado da comemoração e do que foi a vida da Unidade antes e depois da sua instalação neste quartel que, de dia para dia, é mais eficiente e mais nosso.

Seguidamente foi prestada homenagem aos dobradores sendo entregue um pergaminho com a seguinte mensagem:

Aos 23 de Maio de 1958, Dia da Unidade, o B.C.P., tendo efectuado 5735 saltos sem qualquer acidente que se possa imputar a deficiência na dobragem de paraquedas, presta homenagem aos seus Dobradores.

Finalmente, o Ex.mo Brigadeiro Ponte Rodrigues exprimiu o seu agrado por se encontrar entre paraquedistas e definiu o que deve ser o paraquedista, o que dele se espera e qual a orientação a seguir pelo Batalhão.

DA IMPRENSA

A coragem e o sangue-frio de um instrutor de Paraquedistas!

Uma rapariga de 22 anos, que saltara de avião, e cujo paraquedas não se abriu, viria fatalmente estatelar-se no solo, se um instrutor não a tivesse apanhado no ar!

Salva por um verdadeiro milagre, a jovem enfermeira Maria Madeleine Degat, regressou naquele mesmo dia à sua casa de Chambery, próximo da fronteira suíça.

O instrutor que a salvou foi Edmundo Beaussant, de 27 anos de idade, instrutor da Escola de Paraquedistas de Avinhão.

Eis como o facto aconteceu.

O instrutor Beaussant organizou naquele dia um exercício com um grupo de dez alunos que receberam instruções para saltarem de uma altura de 1 500 metros e abrirem os paraquedas a 550 metros do solo.

Beaussant saltou com os alunos, mas, para os observar à vontade, só abriu o paraquedas à altura de 350 metros.

Olhando para cima, verificou que os alunos desciam bem e tudo corria normalmente, excepto a enfermeira Marie Madeleine que, descia a pique sobre o solo, com o paraquedas enrolado à maneira de tocha, como dizem os franceses.

O corpo rodopiava no espaço e o paraquedas torcido não se insuflava, não metia ar. A jovem abriu o paraquedas de emergência que trazia no peito; mas, devido à posição que o corpo tomara, enrolou-se-lhe nas pernas.

Com um incrível sangue frio Beaussant manobrou o seu paraquedas, de maneira a aproximar-se da linha em que ela iria cair. O embate dos dois foi inevitável e quase inutilizou o paraquedas do instrutor.

Uma testemunha ocular do Aero clube contou depois: «Ela ia cair como uma pedra, e julguei impossível que Beaussant conseguisse salvá-la, mas conseguiu-o, esvaziando um dos lados do seu paraquedas, e colocando-se na linha que o corpo dela seguia.

Precisamente quando ela passava por ele, Beaussant agarrou o paraquedas torcido. O choque foi terrível e devem ter sido precisas muita força e presença de espírito para aguentar o embate! A rapariga que caia a prumo, de cabeça para baixo, agarrou-se-lhe a uma perna, conseguiu, endireitar-se e subir, até que ele a agarrou pelos ombros. Os dois atingiram o solo e a pancada ouviu-se! Beaussant sofreu um grande choque, mas saiu ileso, sem qualquer contusão, da sua mais aventurosa descida. Quanto a Madeleine, deu-se por muito feliz em ficar apenas com uma perna partida.

Ela saltara, nesse dia, pela centéssima vez e para Beaussant, aquele salto completou a conta de 500!

Madeleine pertence ao Corpo de enfermeiras paraquedistas da Aviação Francesa.

CÁ POR CASA

Com desejos de Felicidades registamos:

CASAMENTOS

Em 19 de Julho, o Sr. Capitão Rafael Ferreira Durão, com D. Maria Luísa da Fonseca Ferreira Simões.

Em 1 de Maio, o 2.º Sargento Carlos Alberto da Silva Magalhães, com D. Maria Manuela Vieira Alves.

Em 8 de Junho, o 1.º cabo Júlio Félix de Carvalho, com D. Mariana da Cruz Valente.

Em 15 de Junho, o 1.º cabo Manuel Ferreira Antunes Pinhão, com D. Judith Antunes da Silva Cunha.

Em 29 de Junho, o 1.º cabo José António Valente, com D. Maria Natália Caldeira.

Em 6 de Julho, os 1.os cabos Nelson Armando Simões, com D. Ana Maria da Conceição Lopes; e José Manuel, com D. Maria Julieta Queirós.

Em 20 de Julho, 1.º cabo João António da Fonseca Cravidão, com D. Guilhermina Duarte Claro.

Em 30 de Agosto, o 1.º cabo José Benedito, com D. Maria do Carmo.

NASCIMENTOS

Em 9 de Julho, um menino, ao 2.º Sargento Manuel da Silva Faria; ficou com o nome de Manuel Rodrigues Faria.

Em 2 de Maio, um menino, ao 1.º cabo José Manuel Prazeres Bento; ficou com o nome de José Eduardo da Fonseca Bento.

Em 14 de Agosto, uma menina, ao 1.º cabo Luís António Teixeira; ficou com o nome de Teresa Cidália da Costa Teixeira.

PROMOÇÕES

Foram promovidos aos actuais postos:

Em 18 de Junho, o Sr. Tenente do S. I. C., José Fernando Feliciano Gomes.

Em 23 de Junho, o Sr. Alferes Carlos Ferreira Morais.

Em 30 de Junho, o 2.º Sargento José Elias Mendes.

CONDECORAÇÕES

Foram condecorados com a Medalha de Cobre de Comportamento Exemplar:

Os 1.os cabos: Francisco Alves, Carlos Pereira da Costa, José Benedito, Joaquim da Silva Paulino, José Tomé Dias, João Antunes Esgalhado, Manuel Henrique Runa, Clemente Correia da Silva, Manuel Ribeiro Pedro, José Vieira de Figueiredo, José da Costa Machado, José Arsénio Vaza, Domingos Machado Rodrigues, Alcindo dos Santos Serra, Leonel da Cruz Barreira, Alfredo Augusto dos Santos, Humberto dos Santos Ferreira, António Maria Machado Rosado, Apeles Diogo da Silva Saúde, Laurindo José da Cunha Cardoso, António Maria da Cunha, João dos Anjos Campaniço; e soldados Manuel Arsénio da Luz, António Morais Fernandes, Bernardino Merca, José Antunes Nabeiro e Joaquim José Gomes.

Desporto Aeronáutico

Foi há tempos publicada legislação que vem dar as maiores protecção e incentivo à prática de actividades desportivas aeronáuticas.

Pela primeira vez, estabelecem-se concretamente as condições em que se regulará e auxiliará a formação e treino de paraquedistas civis.

Transcrevemos a parte que directamente poderá interessar aos entusiastas do paraquedismo.

DECRETO-LEI N.º 41.281 DE 20 DE SETEMBRO DE 1957

(EXTRACTO)

Artigo 1.º — As escolas civis de pilotagem de aviões e de planadores, as escolas civis de pára-quedismo, os aeroclubes, e as organizações civis ou as suas secções que tiverem por finalidade a prática de aeromodelismo, de aviação, com e sem motor, ou de pára-quedismo são consideradas instituições de utilidade pública.

Artigo 2.º — Mediante autorização dos respectivos Ministros, ouvido o das Comunicações, poderão constituir-se, em estabelecimentos e instituições oficiais de índole adequada, escolas ou secções de aeromodelismo e de preparação e treino de pilotos ou de paraquedistas.

Artigo 3.º — O Ministro das Comunicações poderá organizar e manter, na dependência da Direcção-Gerai da Aeronáutica Civil, cursos de aeromodelismo, de pilotagem e de pára-quedismo com o objectivo de preparar instrutores daquelas actividades.

Artigo 4.º — Compete à Direcção-Geral de Aeronáutica Civil superintender nas organizações referidas nos artigos 1.º e 2.º, no que respeita aos aspectos técnicos das suas actividades.

§ único. — Fica na dependência da mesma Direcção-Geral a antorização e fiscalização das actividades desportivas das organizações referidas no artigo 1.º.

Artigo 5.º — A Direcção-Geral da Aeronáutica Civil poderá ceder às organizações referidas no artigo 10.º, mediante as condições que forem fixadas pelo Ministro das Comunicações, aeronaves e pára-quedas, para instrução e treino, bem como utensílios para aeromodelismo.

§ único. — As aeronaves, pára-quedas e utensílios cedidos ao abrigo do corpo deste artigo continuam pertença do Estado, ficando a sua manutenção à responsabilidade e a cargo das organizações beneficiárias.

Artigo 9.º — O Subsecretariado de Estado Aeronáutica poderá conceder anualmente às escolas e organizações civis referidas nos artigos 1.º e 2.º subsídios para custear:

a) A formação de:
60 pilotos de aviões, que possuam o 5.º ano do curso dos liceus ou habilitações equivalentes;
60 pára-quedistas;
De idade inferior a 20 anos e do sexo masculino, com preferência para os que tenham mais habilitações literárias e entre eles os mais idosos.

b) O treino de:
180 pilotos de aviões, até vinte e quatro horas de voo por piloto;
180 pára-quedistas, até oito saltos de aeronave por pára-quedista de idade inferior a 30 anos, com preferência para os pilotos e pára-quedistas militares na disponibilidade ou licenciados, para os mais novos e, entre estes, os que possuirem mais habilitações literárias.

Artigo 10.º — A Direcção-Geral da Aeronáutica Civil poderá conceder anualmente às escolas e organizações civis referidas nos artigos 1.º e 2.º subsídios para auxiliar:

a) A formação de:
100 pilotos de planadores;
40 pilotos de aviões;
40 pára-quedistas;
de idade inferior a 30 anos, com preferência para os mais novos e entre eles os que possuam mais habilitações literárias;

b) O treino de:
300 pilotos de planadores, até oito horas de voo por piloto;
120 pilotos de aviões, até dezoito horas de voo por piloto;
120 pára-quedistas, até seis saltos de aeronave por pára-quedista;
de idade inferior a 40 anos e com as preferências definidas na alínea b) do artigo anterior.

Artigo 12.º — O Subsecretariado de Estado da Aeronáutica poderá fornecer, através da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, a gasolina necessária para a formação e treinos dos pilotos e pára-quedistas referidos nos artigos 9.º e 10.º, sendo gratuita a destinada aos abrangidos no artigo 9.º e ao preço do custo a destinada aos abrangidos no artigo 10.º.

Artigo 14.º — O Subsecretariado de Estado da Aeronáutica poderá conceder facilidades de utilização das suas instalações às organizações referidas nos artigos 1.º e 2.º e para funcionamento dos cursos previstos no artigo 3.º.

Artigo 16.º — Não serão concedidos os benefícios previstos nos artigos 9.º, 10.º e 12.º deste diploma a:

a) Estrangeiros;
b) Pilotos aviadores e pára-quedistas militares na efectividade de serviço, no que toca, respectivamente, a pilotagem e a pára-quedismo;
c) Pilotos comerciais ou de categoria superior, com as respectivas licenças válidas, no que respeita a pilotagem de aviões e de planadores;
d) Indivíduos reprovados duas vezes nas provas para obtenção da licença de piloto ou de pára-quedista;
e) Indivíduos condenados pela prática dos actos referidos no artigo 17.º da Lei n.º 2056, de 2 de Junho de 1952, e aqueles que não dêm as garantias indicadas na segunda parte do artigo 23.º da mesma Lei;
f) Treinos de pilotos e pára-quedistas que não tiverem as suas licenças válidas ou que não se encontrem no pleno uso dos respectivos previlégios;

Artigo 17.º — O Subsecretariado de Estado da Aeronáutica poderá condicionar os auxílios concedidos em relação aos indivíduos do sexo masculino referido no artigo 9.º à observância de programas especiais de instrução e treino.

Artigo 18.º — O Estado Maior da Força Aérea e a Direcção-Geral da Aeronáutica Civil estabelecerão, de acordo e sob a forma que julguem conveniente, a fiscalização das organizações referidas nos artigos 1.º e 2.º, para verificação do modo como utilizem os meios que lhes concederem ao abrigo deste diploma.

Artigo 20.º — Sem prejuízo do disposto no artigo 23.º da Lei n.º 2056, de 2 de Junho de 1952, a admissão nos cursos de formação de pilotos de planadores, de pilotos de planadores, de pílotos de aviões e de pára-quedistas carece de autorização da Direcção-Geral da Aeronâutica Civil e só será concedida a indivíduos que tenham no minimo, 15, 16 e 17 anos, respectivamente, e que possuam o 2.º grau de ensino primário elementar ou habilitações equivalentes. A concessão das licenças aos mesmos indivíduos só poderá fazer-se quando tiverem completado, respectivamente, 16, 17 e 18 anos de idade.

Artigo 21.º — A Direcção-Geral da Aeronáutica Civil enviará ao Estado Maior da Força Aérea, no primeiro trimestre de cada ano, as relações dos organismos constituídos nos termos do artigo 1.º e dos pilotos de aviões e de planadores e dos pára-quedistas que obtiveram licenças civis no ano anierior.

Artigo 22.º — Serão considerados como serviço prestado na Força Aérea, no que respeita à contagem do tempo de voo e às consequências de acidente, os voos de instrução efectuados nas escolas civis de pilotagem e de pàra-quedismo pelos pilotos militares em serviço activo, quando estiverem autorizados a desempenhar funções de instrutores ou de pilotos naquelas escolas.

Artigo 23.º — Ás organizações referidas nos artigos 1.º e 2.º e aos portugueses titulares de licenças civis de pilotos de aviões ou de planadores e de pára-quedistas, salvo se abrangidos na alínea e) do artigo 16.º deste diploma, será concedida a redução de 75 por cento nos direitos aduaneiros de importação de aviões, planadores e pára-quedas e seus sobressalentes, desde que não possa obter-se material equivalente de fabrico nacional.

PORTARIA N.º 16.414

Manda o Governo da República Portuguesa, pelos Ministros da Defesa Nacional, das Finanças e das Comunicações, que o montante dos subsídios a conceder nos termos dos artigos 9.º e 10.º do Decreto-Lei n.º 41281, de 20 de Setembro de 1957, e nos anos de 1957 e 1958, seja o seguidamente indicado:

	Nos termos do artigo 9.º	Nos termos do artigo 10.º
Por piloto de planadores formado	—	2.000$00
Por piloto de aviões formado	7.500$00	4.500$00
Por pára-quedista formado	3.000$00	2.000$00
Por hora de voo de treino de piloto de planadores	—	100$00
Por hora de voo de treino de piloto de aviões	250$00	200$00
Por salto de aeronave de pára-quedista	150$00	100$00

Um lançamento de paraquedistas em Palmeira

Continuação da 1 página

kers 52», com as suas lotações completas, em breve ganharam altura. Eis que se aproximava já o primeiro aparelho pairando altaneiro que nem uma águia. De súbito, quase a meio do campo, da portinhola escancarada despenhou-se um objecto escuro e redondo, que semelhava, lá tãoacima, uma bolota caída ou arremessada negligentemente pela borda fora.

O objecto escuco e redondo prestes se corporizou, num encanto mágico, transformando-se numa figura graciosa a descer com suavidade sobre as nossas cabeças, o hangar, as árvores que bordejam o campo, a paisagem rugosa da terra...

A velocidade alucinante com que fora precipitado diminuíra, abrandara, «humanizara-se», se o termo é consentido, e agora a queda era mais lenta e segura. Pandeado airosamente ao vento, que soprava forte, com direcção variável, o paraquedas parecia uma umbela, um fino guarda-sol de barraca ou mesmo uma corola lisa e branca transportada de um país misterioso... Quando o militar batia com os pés no chão, na rapidez alvoraçada do primeiro contacto, a sua donairosa elegância desfazia-se maculava-se, e era como uma bexiga que de pronto se esvaziasse. . A sua suprema missão findava e havia nele, como em todos os irremediáveis desfechos, alguma coisa de esqueleto e de despedida...

Atrás desse paraquedista, a uma cadência bem medida, logo outro tombava, como saltando da amurada de um navio; e depois outro; e mais outro; e mais outro ainda, intervaladamente, isoladamente. quáse à compita, hirtos e altivos, numa sucessão prodigiosa de conquistadores selenitas. Eram dezenas, algumas dezenas de vultos triunfantes recortando-se com esmero geométrico na luz velada da tarde.

Durante cinco, dez, vinte segundos a coragem e a disciplina desse batalhão de paraquedistas portugueses, que revelam uma tão elevada escala de preparação técnica, empolgaram e comoveram a assistência. A cada aterragem ressoavam palmas vibrantes Eles baixavam com desembaraço e autodomínio notáveis sobre a área relativamente curta da pista e só um, arrastado pelo impulso da ventania a ultrapassou, sem consequências desagradáveis, aliás.

Agora seguia-se uma demonstração mais arrojada, de extrema intensidade dramática. O quarto trimotor, navegando na cauda dos restantes, como se trouxesse um carregamento mais pesado e mais valioso, apareceu então a resfolegar sobre o campo retalnado de sulcos. Ia principiar a apoteose da jornada—a descida em queda livre de dez elementos do Batalhão, a prova máxima da resistência física, do sangue-frio e da verdadeira autodeterminação em condições excepcionais e inelutáveis. Adquirindo a altura prevista, o aparelho deixou sair do seu bojo, um a um, num voejo de mosquitos, esses dez animosos suicidas, que abriram apenas os seus paraquedas quase a meio do percuso, em fantástica corrida para o abismo. Era um desafio directo e quase brutal à omnipotência insidiosa da morte. Mas, por Deus, a fatalidade não chegou nessa tarde lampejante. Os homens e os aparelhos estavam em perfeito rendimento, impecávelmente certos e orientados. Nem uma esitação nem um leve percalço mal disfarçado.

Os paraquedistas se reuniam com as suas bagagens, já devolvidos às tarefas regulamentares, e, esperavam a ordem de desfilarem,

Quem deixaría de os aplaudir? As aclamações reboaram, espontâneas e consagradoras, Haviam cativado a alma popular e muitos os olhavam com um secreta inveja. Encarnavam o espírito da aventura, o despreendimento singelo de uma renúncia posta integralmentr ao serviço da Pátria A maneira decidida como se projectavam no precipicio resvalando nele sincrónicamente, num vivo exemplo de edificante solidariedade, infundia respeito; mas, após a realização do lance estóico, o seu heroísmo sem simulacro, um heroísmo claro e nú como a lamina de uma espada fuzilando ao sol, o seu trato correcto, a tranquila naturalidade dos seus gestos, o seu garbo sem alardes e mesmo um certo reflexo de inocência esmaltando-lhes os olhos de adolescentes, suscitavam uma simpatia tão profunda que chegava quase à ternura. Admiração, respeito, simpatia, ternura, disse eu... sim, exatamente, aqui está a sintese dos sentimentos que a multidão exteriorizava no declinar venturoso dessa tarde tão reveladora.

Apresentação

É com certo nervosismo que se apresenta ao respeitável público o Zé Paraquedista — figura típica do nosso burgo, individuo em que sobressaem precisamente algumas características invulgares. Por exemplo, a timidez. Reparem como se oculta sob o enorme casco protector.

E o seu perfil não pode considerar-se um exemplo de garbo.

Este Zé, coitado, tem muito daquilo que todos nós temos um pouco.

Não o critiquem demasiado e compreendamos a sua vida em episódios melodramáticos que passaremos a apresentar nos próximos números a este mesmo dia, a esta mesma hora e neste mesmo comprimento de onda.

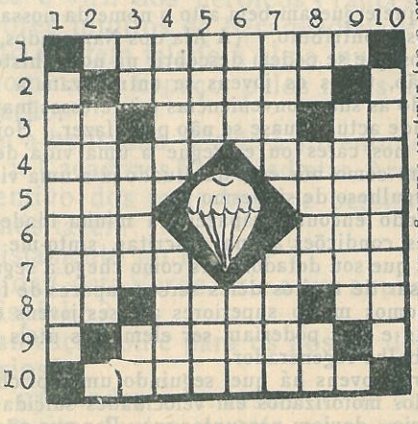
PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS

1 - Supremo tribunal formado pelos arcontes na antiga Grécia. 2 — Acerto. 3—Preposição; resido; desinência da 3.ª pessoa do plural do imperfeito do indicativo dos verbos portugueses. 4—Nome da esposa de Júpiter (mil.); rês da família do camelo mas sem bossa. 5—Grito (bras.); lobrigar. 6 — Imensidão (inv); atmosfera em francês. 7—Apertes; criptogâmica. 8 — Divindade Egípcio onde tinha origem o faraó; género de palmeiras do Brasil; semelhança. 9—Voar sem sair do mesmo sitio. 10—Carnificina.

VERTICAIS

1—Depreciara. 2 — Nem preta nem branca. 3—Batráquio; reputação; rapaz (cal). 4 — Espécie de capacete usado pelos guerreiros antigos; as delas. 5—Óvulo; repital. 6 - Preposição arcaica; cólera. 7—Estabelecimento (inv.); leito (inv.) 8 — Imperativo do verbo ir em Inglês; limpa (inv.); consoante rep. 9—Acaricía. 10 —Atara.



Solução—HORIZONTAIS—1-Areópago 2-Alvejo-3 Em; Moro; Am. 4-Juno; Lama. 5-Ulo; ver. 6-Ram; Air. 7-Ates; alga. 8-Rã; Ubim; ar. 9-Pairar. 10-Massacre—VERTICAIS—1-Pejurara. 2-Mulata. 3-Ra; nome; Pa. 4-Elmo; suas. 5-Ovo; bis. 6-Per; ira. 7-Ajol; amac. 8-Go; aval; rr. 9-Ameiga. 10-Amarrara.

Director e Editor
Capitão F. Soares Cunha

...SALTA!

Composto e Impresso na
Editorial Filatélica